

XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



[Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti
Maria de Fátima Morethy Couto
Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas
Outubro 2011



Marinhas do Rio de Janeiro: tradição e experimentação fotográfica nos oitocentos

Maria Inez Turazzi

Museu Imperial / Ibram

Membro do CBHA

Resumo

As paisagens marinhas do Rio de Janeiro, realizadas por gravadores, litógrafos, fotógrafos e editores iconográficos da segunda metade do século XIX, fascinados por uma cultura marítima onipresente no mundo oitocentista, inspiravam-se nos padrões consagrados pela pintura desse gênero de paisagem, tanto quanto nas possibilidades de assimilação e subversão desses padrões, oferecidas então pelas novas tecnologias da imagem. Os “instantâneos marinhos” do fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923), combinando tradição pictórica e experimentação fotográfica, situam-se nesta perspectiva, além de constituírem um dos segmentos menos estudados de sua obra, hoje tão celebrada. Com atuação destacada junto à Marinha brasileira, Ferrez criou representações singulares da baía do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1880 e 1890, introduzindo uma tecnologia inovadora no campo da fotografia.

Palavras-chave: Fotografia. Instantâneos marinhos. Rio de Janeiro

Abstract

Seascapes from Rio de Janeiro, made by engravers, lithographers, photographers and iconographic editors fascinated by the omnipresent maritime culture of the nineteenth century, were inspired in pictorial tradition of the marine genre as well as in possibilities of assimilation and subversion of such tradition made available by the rising new technologies. The “instantaneous seascapes” from Marc Ferrez (1843-1923), combining pictorial tradition with photographic experimentation, can be situated in this perspective. They are also the least studied photographs of his widely recognized work. As a photographer commissioned by

the Brazilian Marine Forces, Ferrez made unique representations of Rio de Janeiro Bay, between 1880 and 1890, introducing an innovating technology in the photographic field.

Key-words: Photography. Instantaneous seascapes. Rio de Janeiro.

Esta comunicação é resultado de um projeto de pesquisa ainda em andamento, intitulado “Imagem e experimentação: os ‘instantâneos marinhos de Marc Ferrez”, realizado com o apoio do CNPq. O projeto retoma pesquisas iniciadas há vários anos sobre a obra do fotógrafo, estabelecendo seu cruzamento com novos temas relacionados aos seus experimentos tecnológicos.

Convencida de que não podemos desconsiderar as contribuições (nem tampouco as limitações) oferecidas pela historiografia de viés empirista dedicada ao fotógrafo Marc Ferrez, a pesquisa em curso vem procurando responder às exigências crescentes de uma abordagem interdisciplinar e transnacional para a história das artes visuais. Uma história que, problematizando e historiando o seu próprio conhecimento, volta-se para a interpretação dos aspectos simbólicos das imagens, seus usos, funções e modos de recepção, a despeito do necessário domínio de suas condições materiais de existência.

Entre as questões que estão norteando os rumos desta pesquisa, gostaria de destacar aqui as seguintes:

- 1 - Quais os desafios encontrados por Ferrez na exploração de um gênero pictórico consagrado ao

tomá-lo como objeto de experimentação tecnológica tão inovadora no campo da fotografia?

2 - Que representações da paisagem do Rio de Janeiro figuram nos “instantâneos marinhos” de Ferrez?

3 - Qual a receptividade e a repercussão dessas imagens no contexto nacional e internacional?

Não vou me deter nesta comunicação na biografia de Marc Ferrez (1843-1923), já bastante conhecida. Afinal, a trajetória do fotógrafo confunde-se com a história da fotografia no Brasil, entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Por outro lado, a diversidade temática e formal das imagens de Ferrez, bem como a extensão no tempo e no espaço desse vasto legado, também se associam ao nascimento de uma historiografia fotográfica no Brasil, notadamente a partir da curadoria do acervo do fotógrafo realizada por seu neto, o historiador Gilberto Ferrez (1908-2000).

No entanto, os “instantâneos marinhos” de Marc Ferrez mereceram até hoje uma única publicação, realizada já há mais de vinte anos. O livro *A Marinha por Marc Ferrez* reúne, entre outras qualidades, o mérito de ter apontado a relevância desse segmento no conjunto da obra do fotógrafo, além de cuidadosa identificação das embarcações e instalações da Marinha brasileira realizada pelo Almirante Max Justo Guedes, grande especialista na área.¹

Contudo, diversos aspectos da experimentação fotográfica realizada por Marc Ferrez e suas conexões com

¹ FERREZ, Gilberto; VASQUEZ, Pedro; GUEDES, Max Justo. *A Marinha por Marc Ferrez, 1880-1910*. Rio de Janeiro: Index, 1986.

a visualidade do mundo moderno continuam à espera de uma reflexão mais aprofundada. As representações da vida marítima no imaginário oitocentista, mobilizadas através da criação e circulação de jornais, livros, estampas e outras narrativas, textuais ou visuais, por exemplo, ainda constituem uma temática pouco estudada no Brasil, apesar da estreita relação desse universo com o meio artístico da época e suas paisagens marinhas.

Nesse sentido, ao investigar os “instantâneos marinhos” do Rio de Janeiro realizados por Marc Ferrez, venho observando nessas fotografias não apenas as embarcações e instalações que retratam, como também as referências visuais e ambições pessoais do fotógrafo ao projetar tais representações da cidade e sua paisagem marinha, do Império brasileiro e sua força naval.

Desde o primeiro daguerreotipo de Paris realizado por L. J. M. Daguerre ou da primeira experiência com um processo fotográfico no Rio de Janeiro, por Louis Comte, as cidades se ofereceram como tema (já recorrente na pintura e na gravura) e, ao mesmo tempo, como desafio para o registro fotomecânico. Nas cidades estava o movimento dos transeuntes, dos veículos e, eventualmente, das embarcações e das águas, com suas ondas e reflexos.

As relações entre fotografia e visualidade constituem, portanto, o pano de fundo desta investigação. O pesquisador André Rouillé, ao analisar “a fotografia dos artistas” e “a arte dos fotógrafos”, reitera uma problemática centenária que se estende ao mundo da arte contemporânea, indagando-nos:

Uma arte pode ser tecnológica? Tal é a questão que a fotografia coloca. Depois de um século e meio de respostas negativas, e de exclusão sistemática, ela está hoje em vias de ocupar um lugar relevante no interior do campo da arte legítima. Isto porque os mundos da arte, da fotografia e das imagens estão, em conjunto com a sociedade, profundamente alterados. Mas os mecanismos dessas mudanças continuam inacessíveis aos olhares cerrados na materialidade microscópica das imagens, cegos às forças sociais macroscópicas que agem sobre elas.²

São justamente os influxos dessas “forças sociais macroscópicas” sobre a experimentação fotográfica realizada por Marc Ferrez que inspiraram o estudo de seus “instantâneos marinhos”. As décadas de 1850-60 correspondem ao aparecimento e à consagração das marinhas fotográficas do francês Gustave Le Gray, já então consideradas verdadeira expressão da “arte fotográfica”.

Fixando o movimento das ondas quando o instantâneo ainda está em sua infância, combinando dois negativos, um para o céu e outro para o mar, Le Gray desempenha com virtuosismo uma técnica complexa a serviço de uma visão lírica, que prefigura as marinhas de Courbet dos anos 1860-1870.³

Confrontando-se a trajetória e a obra dos dois fotógrafos, uma das hipóteses desta pesquisa consiste na ideia de que o virtuosismo que encontramos em Le Gray, também marcante em toda a atividade de Ferrez nas décadas seguintes, funcionou no caso deste último como combustível para a experimentação de uma técnica igualmente complexa e inovadora, a serviço aqui de uma representação moderna da paisagem e, simultaneamente,

² ROUILLÉ, André. **La photographie ; entre document et art contemporain**. Paris : Gallimard, 2005, p. 261. Tradução da pesquisadora.

³ AUBEMAS, Silvie. **Le Gray; l'oeil d'or de la photographie**. Paris: Bibliothèque Nationale de France; Gallimard, 2002, s/p.

evocadora de sua monumentalidade e centralidade para a construção da idéia de nação pelo Estado imperial.

Sabe-se da influência de Le Gray sobre a pintura de Gustave Courbet, mas teria Ferrez conhecido as marinhas do fotógrafo e do pintor? É certo que Ferrez viveu na França na década de 1850 e para lá viajou diversas vezes (1873, 1878, 1885, 1889, etc.), mantendo em Paris estreito contato com o meio fotográfico francês. Mas a resposta afirmativa a esta questão ainda se baseia em dedução lógica, já que não dispomos de qualquer comprovação documental.

Quando retorna ao Brasil, por volta de 1863, Ferrez trabalha no estabelecimento do suíço George Leuzinger (1813-1892), negociante, fotógrafo, impressor e editor de estampas estabelecido na capital do Império. A marinha do Rio de Janeiro em formato panorâmico, assinada pelo engenheiro alemão Franz Keller (1835-1892) e comercializada pela Casa Leuzinger, é bastante representativa da abundância desse gênero de iconografia da paisagem carioca e suas formas de circulação. Por encomenda do editor, a paisagem marinha de Keller foi litografada em Paris juntamente com outros três panoramas fotografados por Leuzinger e depois encadernados em um belo álbum de vistas desdobráveis.

Nesses primeiros tempos de atividade profissional no país, Ferrez convive com Leuzinger e Keller, tendo inclusive aprendido a fotografar com este último (segundo Gilberto Ferrez), informação sobre a qual pairam algumas dúvidas. De qualquer modo, é certo que a familiaridade com as estampas da Casa Leuzinger e outras *imprimeries*

da época aguçaram o olhar e as aspirações estéticas do fotógrafo.

Uma das mais belas marinhas fotográficas dessa época leva a assinatura de Leuzinger, premiado com menção honrosa na Exposição Universal de Paris de 1867 por seus panoramas do Rio de Janeiro. Para a nascente crítica fotográfica da época, o “impressionante ponto de vista aéreo” desses panoramas era digno de nota. Como fotógrafo amador, Leuzinger cultivava, segundo suas palavras, o hábito da contemplação dos “esplendores da natureza”, fixando em imagens os aspectos pitorescos do país (“minha segunda pátria, mas onde eu me sinto ainda estrangeiro e onde eu sempre morrerei estrangeiro”).⁴

Com os novos recursos oferecidos pela tecnologia fotográfica (as chamadas “placas secas”, bem mais sensíveis), Ferrez exercitaria, simultaneamente, a contemplação e a exploração da baía do Rio de Janeiro, registrando de modo inovador as embarcações e as instalações navais inseridas na paisagem carioca. No meio fotográfico, a década de 1880 corresponderia à efetiva conquista do instantâneo, graças à redução do tempo de exposição dos negativos de vidro sensibilizados com gelatino-brometo de prata, processo que também estimula o desenvolvimento de novos modelos de lentes, equipamentos e papéis fotográficos.

Marc Ferrez abriu seu próprio estabelecimento ainda em 1867 e desde então iniciou o registro sistemático de

⁴ Correspondência de George Leuzinger para seu filho Paul (1870), comentando as vicissitudes de sua chegada ao Brasil. Apud Vavy Pacheco Borges, “O vivido e o gravado”. In: INSTITUTO MOREIRA SALLES. *George Leuzinger. Cadernos de Fotografia Brasileira*, nº 3. São Paulo, 2006, p. 20.

embarcações, instalações navais e efemérides militares na baía do Rio de Janeiro, como atividade vinculada à Marinha Imperial. Durante toda a sua vida profissional conservou o título do fotógrafo da Marinha brasileira (imperial e depois nacional), o único no Brasil a ostentar tal designação. As circunstâncias desse comissionamento estão ligadas à guerra com o Paraguai (1865-1870), à exacerbação do sentimento nacional e ao fortalecimento da Marinha imperial durante o Segundo Reinado, questões que serão aprofundadas pela pesquisa.

Entre 1874 e 1876, Ferrez trabalhou para a Comissão Geológica do Império, estreitando o contato com cientistas e ali encontrando novos estímulos e desafios ao seu trabalho. A conhecida fotografia da Cachoeira de Paulo Afonso realizada por Ferrez, ainda com negativo de colódio úmido e, portanto, uma verdadeira proeza em tais circunstâncias, é uma das imagens dessa fase, notando-se em seu resultado os efeitos impostos pela tecnologia fotográfica empregada.

Nos anos seguintes, os negócios prosperam e Ferrez estreita o contato com fabricantes e fornecedores, adquirindo materiais e equipamentos lançados no mercado europeu, além de bibliografia atualizada. Em 1878, viaja para a França, visita a Exposição Universal de Paris, entra em contato com a Société Française de Photographie e adquire a câmara panorâmica giratória com a qual iniciaria seus próprios experimentos tecnológicos no campo da fotografia. No início dos anos 1880, já utiliza os negativos de gelatino-brometo de prata

recém-introduzidos no mercado fotográfico. A inovação maior, no entanto, estava no equipamento dotado de dupla distância focal com o qual Ferrez conseguia contrabalançar as oscilações da pequena embarcação de onde obtinha seus “instantâneos marinhos”. Localizei a única descrição já encontrada desse equipamento no *Boletim da SFP* (1884) e, com ela, as indicações que me convenceram de ter sido essa uma tecnologia introduzida por Ferrez, como será comentado mais adiante.

Em síntese, portanto, dentre os experimentos fotográficos que marcaram as atividades de Ferrez e ainda mais inovadora do que a câmara panorâmica giratória aperfeiçoada por ele no contato com a cena tropical, parece-me ter sido a tecnologia desenvolvida por Ferrez para realizar esses “instantâneos marinhos” na baía do Rio de Janeiro. Imagens que revelam, de um ponto de vista surpreendente, todo o poderio da esquadra brasileira e o movimento das águas na paisagem carioca. Mas, sobretudo, imagens que inserem o próprio observador no tempo-espaço da fotografia e na fascinante atmosfera marítima.

Em 1884, Ferrez apresentou esses instantâneos na Exposição Geral da Academia Imperial de Belas Artes, na seção então dedicada à fotografia, já frequentada por ele desde o salão de 1879. Indicados como “fotografias gelatino-bromureto de prata” no catálogo da mostra, estão a “Fragata francesa Pallas”; a “Fragata inglesa Amethyst”; o “Cruzador Brasileiro Almirante Barroso” e um sugestivo “Passeio pela baía”. Por essas e outras

imagens, Ferrez foi agraciado com a comenda de Cavaleiro da Ordem da Rosa, a mais importante ordem honorífica do Império.⁵

Logo depois, ele realiza nova viagem à Europa, comparecendo em Paris a uma reunião da Société Française de Photographie para a apresentação do equipamento, descrição da experiência e doação de instantâneos marinhos aos arquivos da entidade. O investimento pessoal concretizado por essa viagem e a chancela representada pela notícia desta participação no Boletim da SFP, já mencionado, constituem indicações seguras da singularidade da experiência realizada por Ferrez. Mas a natureza e a importância de inovação permaneceriam obscuras até que a descrição da tecnologia empregada fosse localizada no Boletim da SFP. Por outro lado, o levantamento exaustivo realizado nessa documentação em três ocasiões (1998, 2001 e 2008) também me confirmaram que até aquela apresentação nenhum outro sistema do gênero havia sido descrito no Boletim da Sociedade. A pesquisa atual pretende aprofundar e amplificar a ressonância dessas conclusões.

Finalmente, restaria mencionar que levantamento das imagens que são objeto desta pesquisa concentra-se, naturalmente, no acervo de negativos de vidro de Marc Ferrez, pertencente ao Instituto Moreira Salles desde 1998 e agora já catalogado e disponível à consulta,

⁵ Na mesma exposição, José Ferreira Guimarães apresentou, entre outras imagens de diferentes processos fotográficos, vistas de monumentos e retratos descritos também como “fotografias instantâneas em clichê direto”, sendo então agraciado com o título de Comendador da Ordem da Rosa.

além das fotografias que integram coleções nacionais e estrangeiras (Coleção Teresa Cristina, Acervo da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, etc). Por outro lado, as imagens do Rio de Janeiro pertencentes à coleção Geyer, uma das mais importantes brasileiras do país doada ao Museu Imperial em 1999, também representam fontes essenciais para esta pesquisa, pois as estampas marinhas desse acervo integravam o universo visual do fotógrafo Marc Ferrez.

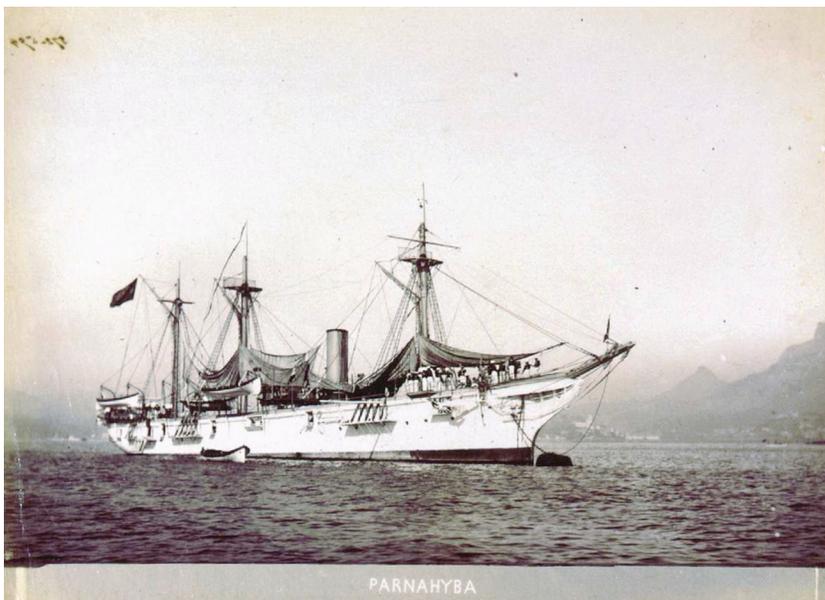
O projeto em curso, ao aprofundar e amplificar a ressonância dessas conclusões iniciais, pretende destacar a originalidade das estratégias de assimilação e subversão de tradições consagradas no mundo das imagens com um amplo panorama dos instantâneos marinhos de Marc Ferrez.



Franz Keller
A entrada do porto do Rio de Janeiro
Álbum *Panoramas do Rio de Janeiro*.
Rio de Janeiro: G. Leuzinger & Filhos, c. 1870-1880.
Fotogravura e guache, 29,6 x 75 cm
Coleção Geyer – Museu Imperial / Ibram



Marc Ferrez
Botafogo
Rio de Janeiro, c. 1884
Albúmen, 20,5 x 26,5 cm
Coleção João Hermes P. de Araújo
In: TURAZZI, Maria Inez. Marc Ferrez. São Paulo: Cosac & Naify, 2000, p. 71.



Marc Ferrez

Parnahyba

Rio de Janeiro, c. 1885

Albúmen, 16,0 x 21,5 cm

Fundação Biblioteca Nacional.

In: TURAZZI, Maria Inez. Marc Ferrez. São Paulo: Cosac & Naify, 2000, p. 71.

